

**UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU
INSTITUTO A VEZ DO MESTRE**

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ARTE, UMA PROPOSTA
CONSCIENTE PARA A EDUCAÇÃO**

Eliane do Nascimento Gouvêa

Orientador

Prof. Dr. Vilson Sérgio de Carvalho

Rio de Janeiro

2010

**UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU
INSTITUTO A VEZ DO MESTRE**

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ARTE, UMA PROPOSTA
CONSCIENTE PARA A EDUCAÇÃO**

Apresentação de monografia à Universidade Cândido Mendes como requisito parcial para obtenção do grau de especialista em Educação Ambiental.

Por: Eliane do Nascimento Gouvêa

AGRADECIMENTOS

....aos amigos e parentes, alun@s,
colegas de trabalho e professores do
curso de Pós-graduação.

DEDICATÓRIA

.....dedico esta monografia a minha mãe,
familiares e amigos.

RESUMO

O presente trabalho vem de um anseio preliminar da pesquisadora na busca de respostas sobre as mudanças que vem acontecendo no cenário social e que se refletem na escola, como violência, desvalorização e falta de respeito pelo ser humano e meio ambiente, e, sobretudo a perda dos valores éticos; objetivando o aprimoramento de sua prática pedagógica.

Para aplacar este anseio, a pesquisadora realizou estudos anteriores sobre o tema Cultura de Paz, e que trouxe a informação de que para a sua efetiva construção numa sociedade, há a necessidade de se observar os Seis Pilares que foram criados pela UNESCO, que são: respeitar todas as formas de vida sem discriminação ou preconceito; rejeitar a violência; compartilhar, o meu tempo e recursos materiais com generosidade colocando um fim na exclusão, injustiça política e econômica; ouvir para entender, defender a liberdade de expressão e a diversidade cultural; preservar o Planeta, promovendo um consumo responsável e respeito a todas as formas de vida, preservando o equilíbrio da natureza e do planeta; e redescobrir a solidariedade.

A partir deste estudo realizado, percebeu-se a necessidade do aprofundamento do Quinto Pilar, que não foi possível fazê-lo anteriormente, e que defende a preservação do Planeta, promovendo um consumo responsável e respeito a todas as formas de vida.

Portanto a presente pesquisa pretende ampliar o conhecimento sobre o meio ambiente, mais especificamente sobre a Educação Ambiental, e observar como este saber em parceria com a disciplina de Artes pode contribuir para a formação d@s alun@s do Curso de Formação de Professores, e também para as crianças dos primeiros anos do Ensino Fundamental; propiciando cidadãos mais conscientes de sua participação individual e coletiva na sociedade, tendo uma visão integrada do meio ambiente e suas relações complexas com a cultura, e participantes na construção de um mundo mais sustentável e que valorize tanto o meio ambiente quanto a diversidade cultural de nosso povo. E finalmente, fortalecidos e estimulados através da cooperação e solidariedade.

METODOLOGIA

O tema desta pesquisa está atrelado à observação do Projeto Pedagógico Agenda 21 para as escolas, realizado no ano de 2009 no Instituto de Educação Carmela Dutra, que é um Curso de Formação de Professores, de iniciativa das professoras de Biologia e Prática Pedagógica, e também do Projeto Pedagógico “A Cidadania que a gente quer por aqui” para toda a escola onde um de seus temas estava voltado para a reflexão sobre a qualidade de vida e saúde.

O Projeto Pedagógico da Agenda 21 foi direcionado para as quartas séries, porém a Agenda 21 é conteúdo de Biologia e Química que abordam questões ambientais, ecologia e Educação Ambiental desde as primeiras séries. Já o Projeto Pedagógico “A Cidadania que a gente quer por aqui” aconteceu em todas as séries, buscando a transversalidade e interdisciplinaridade entre as áreas de conhecimento, onde as professoras de Artes trabalharam com materiais reaproveitados realizando uma integração com a Agenda 21.

Para o presente estudo, primeiramente, foram escolhidas algumas turmas de quarta série, com o intuito de avaliar a questão mais evidenciada que foi a coleta seletiva do lixo e identificar se houve alguma mudança causada pelos Projetos. Foi escolhida a quarta série porque normalmente estes alun@s quando chegam nesta série já realizaram estágios com crianças.

Após este primeiro momento de coleta de dados, realizou-se o segundo momento com o desenvolvimento de um projeto pedagógico através de atividades artísticas e com enfoque nas questões ambientais, com o objetivo de ampliar os conceitos sobre meio ambiente. Após todas estas etapas buscou-se uma avaliação do processo onde o principal objetivo seria o de propiciar um espaço para as sugestões d@s alun@s sobre como se poderia trabalhar nas aulas de Artes, a Educação Ambiental tanto para o ensino de Jovens e Adultos quanto para os primeiros anos do Ensino Fundamental.

A educação é um ato dinâmico e que precisa ser reinventado a todo instante, faço minhas as palavras de Freire (1996, p.29) “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. (...) Pesquiso para constatar, constatando,

intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.” Portanto a presente pesquisa será Qualitativa e de Campo, que se caracteriza pela observação direta do ambiente, pode ser descritiva, focada no processo e no seu significado que deve ser atrelado ao contexto histórico social. Segundo Neves (1996) apud Gouvêa (2008), as áreas humanas utilizam a Pesquisa Qualitativa para estudar os indivíduos, comunidades, instituições e ou grupos, e para compreender seus múltiplos aspectos.

Para a pesquisa bibliográfica serão utilizados livros, revistas e sites da internet, pertinentes a área de Educação Ambiental e Arte na Educação, e principalmente os PCNs para traçar um paralelo entre os objetivos e conteúdos comuns as duas áreas. Espera-se que a presente Pesquisa contribua para oferecer sugestões para aprimorar a prática docente no que tange as relações em sala de aula e, principalmente, nos Cursos de Formação de Professores. E que as informações apresentadas sirvam de motivação para que docentes e discentes busquem novos estudos sobre o tema.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I - Educação Ambiental	12
1.1– Conceito e definição	12
1.2- Pequeno histórico sobre a Ed. Amb. no Brasil	13
1.3 – Agenda 21, Carta da Terra e Ecopedagogia, III Conferência Nacional	15
1.4 – A Ed. Ambiental vista pelo PCN	17
CAPÍTULO II - Arte na Educação	22
2.1 – Conceito e definição	22
2.2 – Pequeno histórico sobre Arte na Educação do Brasil.	23
2.3 – A Arte na Educação vista pelo PCN	25
CAPÍTULO III – Encontros entre Ed. Ambiental e Arte Educação	31
3.1 – Ed. Ambiental e Arte Educação segundo os PCNs	32
3.2 – Experiências Significativas	34
CAPÍTULO IV- Os primeiros Passos	40
4.1 – O primeiro questionário para coleta de dados	41
4.2 - As atividades artísticas propostas	43
4.3 – A avaliação	44
CONCLUSÃO	48
BIBLIOGRAFIA	50
ANEXOS	58
ÍNDICE	64
FOLHA DE AVALIAÇÃO	65

INTRODUÇÃO

“É necessário acreditar na possibilidade de ir além do amanhã, sem ser ingenuamente idealista. É necessário perseguir as utopias como relação dialética entre denunciar o presente e anunciar o futuro. É necessário antecipar o amanhã pelo sonho de hoje. O sonho é um sonho possível ou não? Se é menos possível, trata-se de nós, de sabermos como torná-lo possível.”
(FREIRE apud DUARTE, 2008, p.1)

Parece que foi ontem, porém já se passaram dezoito anos, quando aconteceu aqui no Rio de Janeiro, a Rio-92. O evento foi a II Conferência da Organização das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, reunindo governantes e líderes mundiais de vários países, e o Fórum Global. Estes líderes e organizações sociais reuniram-se para decidir que medidas tomar para diminuir a degradação ambiental e garantir a sobrevivência de gerações futuras. Um dos temas discutidos foi a idéia de desenvolvimento sustentável, um modelo de crescimento econômico menos consumista e mais adequado ao equilíbrio ecológico.

Este evento aconteceu no Aterro do Flamengo, parque e área de lazer idealizado pelo arquiteto Burle Max, e onde se podia visualizar uma enorme árvore onde as pessoas colocavam em folhas de papéis seus sonhos de um futuro digno para a humanidade. Segundo Carvalho (2008), o Fórum Global foi o evento não governamental mais importante para o avanço da Educação Ambiental porque se conseguiu formular o Tratado de Educação Ambiental para sociedades sustentáveis, definindo um marco político para o projeto pedagógico da Educação Ambiental.

Nesta perspectiva, a partir deste encontro vários passos são dados para a concretização de outros sonhos, como exemplos a Carta da Terra e a Agenda 21. A Carta da Terra é a primeira declaração de responsabilidades humanas e que está fundamentada em dezesseis princípios, e organizada em quatro dimensões, os quais seriam: Respeitar e cuidar da comunidade da vida; Integridade ecológica; Justiça social e econômica; Democracia, não violência e paz.

Para Rocha Loures (2009) a Carta da Terra reforça o conceito de Ecopedagogia e que tem como objetivo a “reeducação do olhar”. Esta educação é voltada para a cidadania planetária e que busca a convivência harmônica entre os seres humanos e natureza, e se desenvolve através da solidariedade, com o objetivo da construção de uma consciência de pertencimento a uma única comunidade da vida.

Os sonhos continuam crescendo e deram frutos, e em 2002, na Assembléia Geral da ONU, decide-se implementar a Década das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável entre 2005 e 2014, que segundo Rocha Loures (2009) esta decisão tinha como objetivo principal a integração dos princípios, valores e práticas de desenvolvimento sustentável a todos os aspectos da educação. Encorajando mudanças de comportamento para um futuro sustentável para as gerações presentes e futuras.

Rocha Loures (2009) destaca que segundo a UNESCO, o respeito é a questão central da Educação para o Desenvolvimento Sustentável. O respeito pelos outros (gerações presentes e futuras), o respeito pela diferença e pela diversidade, pelo meio ambiente e pelos recursos do planeta.

Não foram só os sonhos que cresceram, os problemas ambientais, também, resultado do consumo inconsciente ou consciente da sociedade de consumo. Por isso, Giacomini Filho assinala que:

“O consumismo é um tabu social. Embora possa ser claramente observado, não é assumido por pessoas, grupos sociais, empresas, governo e até ONG’s. Uma das razões disso é que está associado a algo depreciativo ao meio ambiente, o que sinaliza a necessidade de longo trabalho de educação e cidadania, apoiado em diretrizes políticas responsáveis.”(GIACOMINI FILHO, 2008, p.243)

E continua Giacomini Filho (2008), que é necessário uma política de consumo tendo como base a educação em todos os níveis, principalmente nas primeiras etapas do ensino e que no futuro se transforme em matéria na grade curricular.

Porém Nogueira (2010) apud Rodrigues (2010) alerta que para os ambientalistas os problemas ambientais já são conhecidos por eles há

cinquenta anos, mas nas salas de aula estes assuntos ainda são bastante recentes.

E Nogueira (2010) apud Rodrigues (2010, p.17) continua dizendo que, “o dia em que esse pensamento for hegemônico, não vamos mais precisar falar de Educação Ambiental. Vai ser só Educação, e todos terão esses valores.”

Neste sentido, este trabalho tem como finalidade refletir sobre uma possível integração entre Educação Ambiental e a disciplina de Artes na escola visando esta hegemonia e repensar essa nova prática tendo como base teórica os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais). Objetivando uma proposta pedagógica voltada para alun@s de Cursos de Formação de Professores e de Professores que estão iniciando suas práticas.

Pensar na sociedade brasileira contemporânea que exige cada vez mais dos professores, tendo como cenário um ambiente tão complexo, requer deste novo professor, segundo Carvalho (2008, p.15), “saberes e conhecimentos científicos, pedagógicos, educacionais, sensibilidade, indagação teórica e criatividade para encarar as situações ambíguas, incertas, conflituosas e por vezes, violentas presentes nos contextos escolares e não escolares”.

Mesmo porque estes profissionais contribuem com seus saberes, seus valores, suas experiências e muitas vezes são modelos para a melhora na qualidade de vida de seus alunos. Portanto, há de se valorizar estes profissionais com uma formação digna inicial e continuada para que possam contribuir para uma sociedade mais igualitária.

Para tanto este trabalho vem contribuir para o enriquecimento deste futuro profissional visando uma educação de qualidade, desenvolvendo-se em quatro capítulos, sendo o primeiro capítulo a apresentação da Educação Ambiental, no segundo capítulo a apresentação da Arte Educação visando à educação básica, e no terceiro capítulo a apresentação de práticas de integração entre estas duas áreas de conhecimento, e o quarto capítulo que apresenta avaliações e sugestões d@s alun@s que participaram da pesquisa.

CAPÍTULO I

EDUCAÇÃO AMBIENTAL

“O tecido da vida é feito de sonhos, como o do sonho é feito de vida. A composição e a dose variam. Da mesma forma que necessita de afetividade, a realidade precisa do imaginário para ganhar consciência. Nosso mundo real é nesse sentido, semi-imaginário.” (MORIN apud PRETRINI, 2006, p.16)

Atualmente já se pode ver e ouvir na TV propagandas focalizando a preservação e cuidados com o meio ambiente. A palavra de ordem é sustentabilidade, que segundo Capra apud Barlow (2006) uma comunidade sustentável é aquela que é capaz de satisfazer suas necessidades sem diminuir as chances de sobrevivência das gerações futuras. A tentativa de trazer a consciência dos espectadores para as questões da preservação do meio ambiente virou moda.

Isso é bom, porém para aprofundar estas questões, Rocha Loures (2009) afirma que é preciso avançar na formação de novas competências em desenvolvimento sustentável e que só acontecerá mudança através de uma educação com significado que vai além de uma educação de repetição. Para tanto entra em cena a Educação Ambiental.

1.1– Conceito e Definição de Educação Ambiental

De acordo com a Lei 9.795/99 que dispõe sobre a Educação Ambiental, nos seus Art. 1º e 2º declaram que:

“Entende-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.

A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal.”(p.435)

E assinala em outros capítulos seus princípios básicos, que são: o enfoque humanístico, holístico, democrático e participativo; a concepção em sua totalidade, considerando a interdependência entre o meio natural, o socioeconômico e o cultural, sob o enfoque da sustentabilidade; o pluralismo de idéias e concepções pedagógicas, na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade; a vinculação entre a ética, a educação, o trabalho e as práticas sociais; a abordagem articulada das questões ambientais e locais, regionais, nacionais e globais; o reconhecimento e o respeito à pluralidade e à diversidade individual e cultural.

E tem como seus objetivos fundamentais: o desenvolvimento de uma compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações, envolvendo aspectos ecológicos, psicológicos, legais, políticos, sociais, econômicos, científicos, culturais e éticos; incentivo à participação individual e coletiva, permanente e responsável, na preservação do equilíbrio do meio ambiente, entendendo-se à defesa da qualidade ambiental como um valor inseparável do exercício da cidadania; autodeterminação dos povos e solidariedade como fundamentos para o futuro da humanidade.

E continua considerando que a educação ambiental deve ser desenvolvida como uma prática educativa integrada, contínua e permanente em todos os níveis e modalidades do ensino formal, da educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, educação superior, educação especial, educação profissional e educação de jovens e adultos, porém não devendo ser implantada como disciplina específica no currículo de ensino.

No artigo 11, declara que a dimensão ambiental deve constar dos currículos de formação de professores, em todos os níveis e em todas as disciplinas. E em Parágrafo Único determina que os professores em atividade devem receber formação complementar em suas áreas de atuação, com o propósito de atender adequadamente ao cumprimento dos princípios e objetivos da Política Nacional de Educação Ambiental.

1.2– Pequeno histórico sobre a Educação Ambiental no Brasil

Segundo Carvalho (2008), a Educação Ambiental acontece aqui no Brasil como resultado do movimento ecológico, por volta das décadas de 70 e 80. Destaca nos anos subseqüentes as lutas ecológicas e os movimentos sociais urbanos e populares por influência da Igreja da Libertação e das Comunidades Eclesiais de Base. Continua Carvalho:

“Assim, a EA (Educação Ambiental) é concebida inicialmente como preocupação dos movimentos ecológicos com uma prática de conscientização capaz de chamar a atenção para a finitude e a má distribuição no acesso aos recursos naturais e envolver os cidadãos em ações sociais ambientalmente apropriadas. É em um segundo momento que a EA vai-se transformando em uma proposta educativa no sentido forte.” (2009, p.51-52)

Segundo o histórico lançado pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA) em 2008, e também Carvalho (2008), destacam-se algumas datas representativas do avanço da EA no Brasil, tais como:

Em 1973 a EA aparece na legislação como contribuição da primeira Secretaria Especial do Meio Ambiente (Sema). E em 1984 há a criação do programa Nacional de Educação Ambiental. Já em 1988 acontece a inclusão da EA como direito de todos e dever do estado no capítulo de meio ambiente da Constituição. Cap. VI, Art. 225. Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes futuras gerações.

Em 1992 há a criação dos Núcleos de Educação Ambiental pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e dos Centros de Educação Ambiental pelo Ministério da Educação (MEC). Pela Rio-92, no Fórum Global formula-se o Tratado de Educação Ambiental para sociedades sustentáveis, definindo o marco político para o projeto pedagógico da EA., e a Primeira versão da Carta da Terra.

Em 1994 há a criação do Programa Nacional de Educação Ambiental (Pronea) pelo MEC e pelo Ministério do Meio Ambiente. E em 1997 acontece a elaboração dos Parâmetros Curriculares pela Secretaria de Ensino Fundamental do MEC, em que “meio ambiente” é incluído como um dos temas

transversais. E paralelo ao IV Fórum, acontece o I Encontro da Rebea (Rede Brasileira de EA).

Em 1999 há a aprovação da Política Nacional de EA pela lei 9.795. E em 2000 inicia-se o primeiro Pólo de EA e Difusão de Práticas Sustentáveis, pelo MMA, que tinha como base edificar Núcleos de EA e Práticas Sustentáveis e promover a construção coletiva de Agendas 21 municipais. Apresenta-se a Nova Carta da Terra.

Em 2001 acontece à implementação do Programa Parâmetros em Ação: meio ambiente na escola, pelo MEC. E em julho de 2002, o governo federal finalmente lançou oficialmente a Agenda 21 Brasileira, cumprindo-se a expectativa criada pela Agenda 21 Global na Rio-92. E em 2004, a Agenda 21 foi criada para as escolas e se multiplicaram na rede pública de ensino porque segundo os especialistas da época, percebeu-se que elas constituíam uma forte ferramenta de EA e que conseguia envolver estudantes, corpo docente, funcionários e a comunidade do entorno. Isso tudo como resultado da formação das Comissões de Meio Ambiente e Qualidade de Vida na Escola (Com-vidas) e apoiadas pela Coordenação Geral de EA do MEC.

1.3– Agenda 21, Carta da Terra e Ecopedagogia, e a III Conferência Infante – Juvenil pelo Meio Ambiente

Agenda 21 é um programa de formação continuada que tem como objetivo debater a temática socioambiental nas escolas buscando estimular o diálogo dessas instituições com as comunidades no entorno, buscando soluções coletivas, com a participação dos estudantes e de todos os interessados na vida pública local.

Destes encontros surgem vários projetos desde a implementação da coleta seletiva até a participação de estudantes e professores em Conselhos Municipais ou em Audiências Públicas, a partir primeiramente de Fórum de Discussão na escola e comunidade, e posteriormente organizando-se metas a serem alcançadas através de projetos.

Além da Agenda 21 surge no cenário educacional a Ecopedagogia, que ganha impulso a partir do I Encontro Internacional da Carta da Terra na Perspectiva da Educação, organizado pelo Instituto Paulo Freire, com o apoio do Conselho da Terra e da UNESCO, no ano de 1999, em São Paulo e do I Fórum Internacional sobre Ecopedagogia, realizado na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal em 2000. Que segundo Guierrez e Cruz Prado (2000) apud Magalhães (2006), a ecopedagogia é uma pedagogia para uma aprendizagem do sentido das coisas a partir do dia-a-dia, voltada para o desenvolvimento de uma sociedade mais sustentável.

A Carta da Terra trouxe dez princípios norteadores para desenvolver uma educação para a criação de uma sociedade com mais sustentabilidade, que segundo Magalhães são:

“1.O planeta deve ser visto como única comunidade (aldeia planetária); 2.A Terra deve ser vista como mãe, organismo vivo e dinâmico; 3.A escola deve formar a consciência da sustentabilidade, fundada no sentido; 4.Deve-se motivar o sentimento de ternura em relação à Terra, nossa morada; 5.Deve-se formar uma consciência planetária e uma nova ética, visando a justiça sócio-cósmica, que vê a Terra como o maior dos pobres; 6.A ecopedagogia deve promover a vida, levando o educando a compartilhar, a problematizar, a se envolver e a se relacionar com os outros; 7.O conhecimento deve ser visto como partilha, algo que se conquista sempre em comunhão com o outro; 8.A escola deve ensinar ao educando o sentido da vida cotidiana; 9.Deve-se desenvolver uma racionalidade baseada na afetividade, na intuição e na comunicação, ao invés de se priorizar apenas a razão instrumental; 10.A escola deve incentivar o desenvolvimento de novas relações e atitudes em que se veja o mundo através da sensibilidade e não apenas da razão.” (2006, p.1)

Outro Movimento dentro das Escolas foram as I, II e III Conferências Nacionais Infanto-Juvenis pelo Meio Ambiente, que mobilizou adolescentes e jovens entre 11 a 15 anos em 2003, 2005 e 2009. Destaca-se a III Conferência Nacional Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente na Escola, em parceria MEC e Ministério do Meio Ambiente, pelo material pedagógico “Vamos Cuidar do Brasil” disponibilizado as escolas, porque abre mais uma vez um espaço na

busca da construção de uma sociedade sustentável, junto a professores, alun@s, funcionári@s e responsáveis.

Esta III Conferência foi construída a partir de três etapas buscando a participação de todas as escolas, a Conferência Escolar, a Conferência Estadual e a Conferência Nacional, com a obrigação de confeccionarem Cartas de Responsabilidades com propostas para o enfrentamento das mudanças ambientais globais.

Vale destacar os subtemas propostos neste material pedagógico, para orientar o debate nas escolas de ensino fundamental, e que são tópicos interessantes para serem trabalhos pela disciplina de Artes, que são: Água, Ar, Terra e Fogo, e que no Projeto se subdividem em mais itens como: Água - Hidrosfera, Recursos Hídricos e Desertificação; Ar – Atmosfera, Ar e clima, Mudanças climáticas; Terra – Biosfera, Biodiversidade e desflorescimento; e Fogo – Sociosfera, Energia e Mobilidade, Matriz Energética e transportes.

Incluído neste material pedagógico que não poderia faltar, está à questão do consumo e do destino do lixo, um dos grandes problemas ambientais dos centros urbanos, reforçando os 5R's para um consumo sustentável: Refletir, sobre os nossos hábitos de consumo; Recusar, produtos que causem danos ao meio ambiente e a saúde; Reduzir, a geração do lixo; Reutilizar, sempre que possível e Reciclar.

Outro ponto importante deste material pedagógico foi resgatar um tema polêmico sobre mídia e comunicação e sua influência sobre cada cidadão, e incentivar a criação de espaços para este fim nas escolas, na busca da mudança de valores. Denominou-se de Educomunicação que seria o resultado da união entre educação e Comunicação, objetivando o emprego dos meios de comunicação para produzir comunicação como direito de todos; um modo de educar as pessoas para aprenderem a se comprometer com os lugares de onde são; e um modo poderoso de agir diretamente nas relações das pessoas e consigo mesmo, buscando sempre o bem comum.

1.4 – A Educação Ambiental vista pelo PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, 1997/1998, foram criados para auxiliar os professores do Ensino Fundamental e Médio, e com a intenção de aprofundar um debate educacional que envolvesse toda a sociedade. O Ensino Fundamental é estruturado em áreas de conhecimento que são: Área de Língua Portuguesa, Área de Língua Estrangeira, Área de Matemática, Área de Ciências Naturais, Área de História, Área de Geografia, Área de Arte e Área de Educação Física.

E apresenta também em sua estrutura os Temas Transversais, que são: Ética, Saúde, Meio Ambiente, Orientação Sexual, Pluralidade Cultural, Trabalho e Consumo, buscando a transversalidade destes temas no trabalho educativo das escolas na forma de Projetos, objetivando a transformação de uma prática pedagógica estanque por causa das disciplinas.

Utiliza três marcos de referência para a aprendizagem, o Construtivismo, que destaca a teoria genética de Jean Piaget, a teoria da atividade de Vygostsky, Luria e Leontiev e a teoria da aprendizagem verbal significativa de Ausubel. E destaca os quatro pilares para uma educação para o século XXI, documento criado pela Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI (1998), presidido por Jacques Delors, a pedido da UNESCO, que são: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os outros e aprender a ser.

O PCN (1997, p.181) reconhece “a importância da Educação Ambiental (EA) como um meio indispensável para conseguir criar e aplicar formas cada vez mais sustentáveis de interação sociedade/natureza e soluções para os problemas ambientais”. Embora considere que a Educação Ambiental está longe de ser aceita e desenvolvida tranquilamente, porque implica mobilização para melhorias profundas no ambiente.

Nos primeiros anos do Ensino Fundamental, o PCN espera que @s alun@s sejam capazes de: identificar-se como parte integrante da natureza e sentir-se afetivamente ligados a ela, percebendo os processos pessoais como elementos fundamentais para uma atuação criativa, responsável e respeitosa em relação ao meio ambiente; perceber, apreciar e valorizar a diversidade

natural e sociocultural, adotando posturas de respeito aos diferentes aspectos e formas do patrimônio natural, étnico e cultural.

E acrescenta que @s alun@s serão capazes de: observar e analisar fatos e situações do ponto de vista ambiental, de modo crítico, reconhecendo a necessidade e as oportunidades de atuar de modo propositivo para garantir um meio ambiente saudável e a boa qualidade de vida; adotar posturas na escola, em casa e na comunidade que os levem a interações construtivas, justas e ambientalmente sustentáveis.

Compreender que os problemas ambientais interferem na qualidade de vida das pessoas, tanto local quanto globalmente; conhecer e compreender, de modo integrado, as noções básicas relacionadas ao meio ambiente; perceber em diversos fenômenos naturais, encadeamentos e relações de causa/efeito que condicionam a vida no espaço (geográfico) e no tempo (histórico), utilizando essa percepção para posicionar-se criticamente diante das condições ambientais de seu meio; e finalmente, compreender a necessidade e dominar alguns procedimentos de conservação e manejo dos recursos naturais, aplicando-os no dia a dia.

Dos conteúdos a serem trabalhos, o PCN dividiu-os em três blocos gerais, que são: os ciclos da natureza; sociedade e meio ambiente; manejo e conservação ambiental. Nos ciclos da natureza foram selecionados, os ciclos da água, seus múltiplos usos e sua importância para a vida e para a história dos povos; os ciclos da matéria orgânica e sua importância para o saneamento; as teias e cadeias alimentares; o estabelecimento de relações e correlações entre elementos de um mesmo sistema; a observação de elementos que evidenciem ciclos e fluxos na natureza, no espaço e no tempo.

Na sociedade e meio ambiente destacam-se os seguintes conteúdos: a diversidade cultural e a diversidade ambiental; os limites da ação humana em termos quantitativos e qualitativos; as principais características do ambiente e/ou paisagem da região em que se vive; as relações pessoais e culturais dos alunos e de sua comunidade com elementos dessa paisagem; as diferenças entre ambientes preservados e degradados, causa e conseqüências para a qualidade de vida das comunidades, desde o entorno imediato até de outros

povos que habitam a região e o planeta, bem como das gerações futuras; e a interdependência ambiental entre as áreas urbana e rural.

E do Manejo e Conservação Ambiental, propõe que sejam abordados os conteúdos: o manejo e a conservação da água; a necessidade e formas de tratamento dos detritos humanos: coleta destino e outros; necessidade e as formas de coleta e destino do lixo, reciclagem e outros; as formas perceptíveis e imperceptíveis de poluição do ar, água, solo, sonora e seus principais causadores; noções de manejo e conservação do solo; noções sobre procedimentos adequados com plantas e animais, cuidados com a saúde; a necessidade e as principais formas de conservação, preservação, recuperação e reabilitação ambientais; alguns processos de reciclagem e reaproveitamento de materiais.

Nos conteúdos relacionados a valores e atitudes o PCN considera que os bens da Terra são um patrimônio da humanidade, portanto seu uso deve estar sujeito a regras de respeito e de responsabilidade. Deve-se propiciar ao aluno o desenvolvimento de um espírito crítico ao consumismo e a busca da solidariedade no uso dos bens comuns e dos recursos naturais. Esta solidariedade também deve acontecer entre as pessoas com o seu meio, entre povos e nações, e passando pelas relações sociais, econômicas e culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criação da Educação Ambiental foi um marco positivo para a formação de uma educação mais consciente de sua responsabilidade para com o meio ambiente, porém ainda há muito a se caminhar e amadurecer. Atualmente tanto os conteúdos quanto os objetivos são trabalhados mais nas Áreas de Ciências/Biologia e Geografia, no Ensino Fundamental e Médio. Porém observa-se a partir do PCN, e principalmente nas Agendas 21 uma mobilização mais significativa nas escolas abordando a questão da reciclagem, da coleta seletiva do lixo e do reaproveitamento de materiais.

É interessante perceber que na Lei 9.795/99, no artigo 11, que declara que a dimensão ambiental deve constar dos currículos de formação de

professores, em todos os níveis e em todas as disciplinas. E determina que os professores em atividade devem receber formação complementar em suas áreas de atuação, com o propósito de atender adequadamente ao cumprimento dos princípios e objetivos da Política Nacional de Educação Ambiental, observa-se que ainda há pouca mobilização para este fim.

Portanto, é necessário ampliar o debate sobre a Educação Ambiental em relação à capacitação dos professores de outras áreas do conhecimento dos Cursos de Formação, para que possibilitem a formação de futuros professores mais conscientes de suas responsabilidades quanto às futuras gerações e sua sustentabilidade.

E finalmente, considerar que a Educação Ambiental possibilita ao aluno, um novo repensar através de sua participação individual e coletiva, observando uma abordagem articulada das questões ambientais locais, regionais, nacionais e globais, o desenvolvimento da ética e da solidariedade, o reconhecimento e o respeito à diversidade individual e cultural com todas as suas pluralidades.

CAPÍTULO II

A ARTE EDUCAÇÃO

“A afirmação mais adequada que Dom Juan fez sobre o sonho foi chamá-lo de “portão para o infinito” (...) Sonhar só pode ser experimentado. Sonhar não é apenas ter sonhos; nem devaneios ou desejos ou imaginação. Sonhando podemos perceber outros mundos, que certamente podemos descrever; mas não podemos descrever o que nos faz percebê-los. No entanto podemos sentir de que modo o sonhar abre essas outras regiões. Sonhar parece uma sensação; um processo em nossos corpos, uma percepção em nossas mentes.” (Dom Juan apud CASTANEDA, 1995, p.9)

A Arte tem representado sonhos e desejos do homem desde a Pré-História, e também tem promovido a comunicação entre eles. Através dos objetos artísticos criam-se formas de aprendizagens onde emoção, razão, sensibilidade e percepção participam e são desenvolvidas.

Parte integrante da cultura e muitas vezes tão indissociável que Vigotsky (2001) a cita como “o social em nós”, e Barbosa (1991) apud Ferreira comenta que:

“Arte não é apenas básico, mas fundamental na educação de um país que se desenvolve. Arte não é enfeite. Arte é cognição, é profissão, é uma forma diferente da palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário e é conteúdo. Como conteúdo, arte representa o melhor trabalho do ser humano.” (FERREIRA, 2005, p.11)

Nesta perspectiva Lowenfeld (1977) considera que a arte desempenha um papel vital e potencial na educação da criança, porque através dela a criança pode reunir diversos elementos de sua experiência formando um novo e significativo todo. Por isso acrescenta Martins (1998), que a arte é importante na escola por ser principalmente, um conhecimento construído pelo homem através dos tempos, sendo considerado um patrimônio cultural da humanidade e que todo o indivíduo tem direito a ter acesso a este saber. Pensando-se nisto é necessário primeiramente compreender o que se entende por Arte Educação.

2.1– Conceito e Definição da Arte na Educação

De difícil definição a Arte na Educação já recebeu diversas nomenclaturas, e por isso terá os seus objetivos e práticas determinados pelo momento histórico. Segundo o PCN (1997) na primeira metade do século XX era conhecida como disciplina de Desenho, Trabalhos Manuais, Música e Canto Orfeônico, valorizando principalmente as habilidades manuais. Depois recebeu a denominação de Educação Artística, Arte-educação e atualmente Artes Visuais, Dança, Música e Artes Cênicas. Portanto é importante considerar como ela se apresenta no contexto histórico.

2.2– Pequeno histórico sobre a Arte na Educação do Brasil

Segundo Barbosa (1991) apud Ferreira (2005), a preocupação com a arte-educação no Brasil vem desde o século XIX, porém a arte como livre expressão só chega à educação na década de 30. Segundo o PCN (1997), neste século o ensino era voltado principalmente para o domínio técnico.

Gouvêa (2005) destaca que já no século XX, mas especificamente na década de 40, com o fim da II Guerra Mundial, todos os olhares se voltam para a educação, porque a escola precisava formar cidadãos mais solidários para que os horrores da guerra não retornassem. Neste sentido Read (1986), afirma que a Arte é um processo de refinamento do homem, e por isso declara que:

“Estou convicto de que a política de educação pela arte é de significado vital na situação atual do mundo, e não podemos confrontar essa situação com algo menos que uma filosofia da educação que seja ao mesmo tempo uma filosofia de vida. Creio que possuímos nos princípios da arte, que são os princípios de uma atividade criativa, um antídoto para as forças de destruição que hoje ameaçam a existência da espécie humana (...). Arte é o nome que damos à única atividade humana que pode estabelecer uma ordem universal em tudo o que fazemos e produzimos, em pensamento e em imaginação. Educação pela arte é educação para a paz” (Read, 1986, p.155)

Nesta perspectiva Soucy (1990) cita que neste período pós-guerra a auto expressão na educação artística tinha pelo menos dois objetivos, um de encorajar o espírito democrático nos indivíduos, e o outro objetivo era a expressão artística de caráter terapêutico com o propósito de promover uma saúde criativa, mental e emocional.

Surge neste período no Brasil, a Escolinha de Artes do Brasil, com influência das idéias de Herbert Read, que desenvolveu a teoria da educação pela arte, onde o aluno podia desenhar e pintar livremente sem a rigidez da educação tradicional vigente. Primeiramente atendendo crianças e mais tarde adultos, torna-se rapidamente um centro de treinamento de professores de Arte, influenciando especialmente dois educadores Anísio Teixeira e Helena Antipoff, psicóloga russa que se dedicou a Educação Especial.

Em 1971, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 5.692, a Arte é incluída no currículo como Educação Artística, mas é considerada como uma atividade educativa e não disciplina. Isso criou um problema para a educação porque muitos professores não estavam habilitados e nem preparados para as várias linguagens que deveriam ser incluídas como atividades artísticas, sendo elas: Artes Plásticas, Educação Musical e Artes Cênicas. Por isso, cita Barbosa (1991) apud Ferreira (2005), neste ano o Governo Federal cria cursos universitários para a formação de arte-educadores.

A partir dos anos 80, constitui-se o movimento Arte-Educação permitindo que se ampliassem discussões sobre a área e a competência de seus profissionais. Neste período surgem as Associações de Arte Educadores que realizando encontros conseguem definir melhor o que seria Arte na educação, determinando objetivos e práticas.

Exemplo disto é a citação de Barbosa:

“O Simpósio Internacional sobre Ensino da Arte e sua História, realizado em 1989 do qual apresentamos estes anais, aconteceu exatamente nove anos depois do primeiro encontro nacional de Arte educadores promovido pela USP, a Semana de Arte da ECA, em 1980 (...) Talvez seja necessário, para vencer o preconceito, sacrificarmos a própria expressão Arte-Educação que serviu para identificar uma vanguarda do ensino da arte contra o oficialismo da Educação Artística dos anos 70 e 80. (...) Este mundo cotidiano está cada vez mais sendo dominado pela imagem (...) Temos que alfabetizar para a leitura da imagem (...) esta codificação precisa ser associada ao julgamento da qualidade do que está sendo visto aqui e agora e em relação ao passado.” (BARBOSA, 1990, p.6,7 – 8)

No meados de 90, começa-se a pensar a Educação Artística não só como expressão, mas também a sua conceituação como Cultura. A Arte é

cognição e, portanto deve ser aprendida. E em 1996 é sancionada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394, sendo a Arte obrigatória na educação básica, “o ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.” (PCN, 1997, p.25).

Segundo Barbosa (1998), o desenvolvimento da criatividade deixou de ser o objetivo principal, por ser natureza implícita da produção e compreensão artística. Pela Arte Educação, não se pretende formar artistas e sim cidadãos que possam ser fruidores, conhecedores e decodificadores da obra de arte, que sejam capazes de decodificar a Gramática Visual, através da leitura e análise crítica das imagens. O ensino de Arte defendido por Ana Mae Barbosa se denomina como Metodologia Triangular onde segundo Martins (1998, p.46) o ensino da arte é estruturado em tres campos conceituais: “criação/ produção, percepção/análise, conhecimento e contextualização, conceitual-histórico-cultural da produção artístico-estética da humanidade.”

Esta metodologia foi difundida no Brasil por meio de projetos como os do Museu de Arte Contemporânea de São Paulo e o Projeto Arte na Escola da Fundação lochpe. E em 1997 se destaca a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, onde pensar o ensino de arte é também despertar a consciência e novos modos de sensibilidade.

2.3– A Arte na Educação vista pelo PCN

O PCN para o ensino de Arte recebe influência da Metodologia Triangular, “o conjunto de conteúdos está articulado dentro do contexto de ensino e aprendizagem em três eixos norteadores: a produção, a fruição e a reflexão” (PCN, 1997, p.41). Sendo produção, o fazer artístico e o conjunto de questões a ele relacionadas, no fazer do aluno e dos produtores sociais de arte.

Considera-se fruição à apreciação significativa da arte e do universo a ela relacionado, tanto de produções de alun@s quanto de produções histórico-sociais em suas múltiplas faces. E a reflexão, considera-se que é a construção

do conhecimento sobre o trabalho artístico individual, de outros e do coletivo e também, da arte como produto da história e da diversidade das culturas humanas.

O PCN (1997) apresenta quatro áreas de expressão artística, a saber: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro, enfatizando que a aprendizagem de seus conteúdos devem promover a formação estética e artística d@ alun@ e sua participação na sociedade. Objetiva que o ensino da Arte deva ser organizado de modo que ao final do ensino fundamental, @s alun@s sejam capazes de: expressar e saber comunicar-se através das artes em uma atitude de busca pessoal e/ou coletiva, articulando a percepção, a imaginação, a emoção, a sensibilidade e a reflexão ao realizar e fruir produções artísticas; interagir com diversos materiais, instrumentos e procedimentos das diferentes artes; ter atitude de respeito pela obra de arte dele e de seus colegas; identificar, saber e compreender a arte como fator histórico-cultural, conhecer e respeitar as produções no entorno, assim como as do patrimônio cultural e do universo natural, identificando as diferenças nos padrões artísticos e estéticos.

Objetiva também, fazer com que o aluno possa observar as relações entre o homem e a realidade com curiosidade e interesse, exercitando a discussão, refletindo, argumentando e apreciando arte de modo sensível; valorizar o trabalho do artista e conhecer aspectos de sua função; buscar e organizar informações sobre arte através de pesquisa utilizando diversos recursos como jornais, internet e outros, como também museus, galerias e outros, na tentativa de reconhecer e compreender a diversidade de produtos artísticos presentes na história das diferentes culturas e etnias.

O PCN de Arte (1997) também destaca sugestões de conteúdos gerais para o ensino da Arte no ensino fundamental, que são: a arte como expressão e comunicação; elementos básicos das formas artísticas, modos de articulação, técnicas, materiais e procedimentos; produtores de arte, conhecendo suas vidas e produções em conexões; a diversidade das formas de arte e concepções estéticas da cultura regional, nacional e internacional, focalizando suas produções, reproduções e seus contextos históricos; a arte na sociedade,

os produtores em arte, suas produções e formas de documentação, preservação e divulgação em diferentes culturas e momentos históricos.

Todavia um ponto significativo para este estudo é que ele apresenta um quadro comparativo entre arte e ciência, considerando a criação e a inovação um ponto comum entre eles. Considerando que estas formas de conhecimento estruturam e organizam o mundo, através de um constante processo dialógico entre homem e a realidade circundante. Nesta perspectiva cita que,

“O ser humano sempre organizou e classificou os fenômenos da natureza, o ciclo das estações, os astros do céu, as diferentes plantas e animais, as relações sociais, políticas e econômicas, para compreender seu lugar no universo, buscando a significação da vida. Tanto a ciência quanto a arte, respondem a essa necessidade mediante a construção de objetos de conhecimento que, juntamente com as relações sociais, políticas e econômicas, sistemas filosóficos e éticos, formam o conjunto de manifestações simbólicas de uma determinada cultura.” (PCN, 1997, p.26)

Ciência e Arte nas sociedades antigas tradicionais não apresentavam desunião entre elas, mas atualmente, considera-se que sua união seja uma necessidade urgente para se formular novos paradigmas para fazer frente às transformações do século XXI.

Outra questão relevante é que o PCN de Arte (1997) traz os objetivos da Arte Visual, Música, Dança e Teatro separadamente, tentando aprofundar e garantir a presença das formas artísticas em projetos educacionais, porém não descarta a possibilidade do professor integrar estas formas artísticas em suas aulas. Considera que o professor das séries iniciais por não ter uma formação mais acurada a respeito das artes, necessite destas orientações.

Divide os conteúdos em duas partes, na primeira trata dos conteúdos mais pedagógicos das Artes separadamente, e na segunda parte destaca normas, valores e atitudes que @s alun@s deverão desenvolver em relação às artes, as produções artísticas, aos artistas, a expressão individual e coletiva, e ao patrimônio cultural. Destacam-se alguns: interesse e respeito, valorização, desenvolvimento de atitudes de autoconfiança, posicionamentos pessoais, cooperação, valorização da diversidade, autonomia, formação de critérios para selecionar, gosto por compartilhar, sensibilidade para reconhecer e criticar

situações contrárias a autonomia e ética humanas, e atenção ao direito de liberdade de expressão.

Apresenta a Arte Visual, em relação a sua comunicação e expressão como um processo mais individual e com pouca participação do coletivo, que aparece mais no momento da reflexão. Um pouco mais discreta, mas já envolvendo um pouco do coletivo, tanto na sua expressão quanto na fruição, está a Música. Considera a Dança e principalmente o Teatro como expressões mais do coletivo do que do individual, sendo esta última arte a que mais propicia valores de solidariedade e de cooperação pelo total envolvimento e processo através do coletivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a LDB-9.394 reconheça a obrigatoriedade do ensino das artes na educação básica, são poucas as escolas públicas com professores de artes habilitados nos anos iniciais do ensino fundamental, normalmente são os professores da turma que ensinam e realizam as atividades artísticas. Presencia-se também nos outros anos a falta de profissionais de artes, e algumas vezes percebem-se profissionais de outras áreas sendo aproveitados para lecionarem esta disciplina.

Outro aspecto que gera uma sensação de indefinição são os livros didáticos que são disponibilizados pelas editoras, porque apresentam planejamentos e conteúdos diversos, sem um consenso sobre o que abordar em seus livros de arte, ou melhor, que metodologia querem abordar.

Alguns apresentam as várias expressões artísticas como: Artes Visuais, Música, Dança e Teatro com propostas e atividades buscando na história da arte o seu foco, porém somente com obras da Arte Internacional; outros trazem as Artes Visuais com modelos prontos para as crianças pintarem e outros que trazem as Artes Visuais, porém com critérios mais próximos da proposta do PCN de Arte. Apesar de tudo, atualmente já se podem encontrar alguns poucos livros que apresentam representações da arte africana, junto de artistas e produções brasileiras.

Esta variedade de saberes é condizente com as múltiplas faces da formação do professor de arte durante a história do Brasil. O ideal proposto para o ensino da arte pelo PCN seria através de projetos e esperava-se que para cada forma de arte houvesse um profissional especializado na escola, porém isso não aconteceu, hoje temos o professor “polivalente” que conhece todas elas, porém superficialmente, e a Dança em algumas escolas, ficou com a disciplina de Educação Física.

Não há como um profissional abarcar tanto conteúdo, principalmente porque a arte trabalha com elementos da representação social tanto do entorno quanto da localidade, além de refletir sobre as formas regionais, nacional e internacional. Um ideal difícil de alcançar, tanto para o professor habilitado quanto mais para o professor de turma. Portanto o professor precisa estar ciente de sua participação no processo de ensino repensando o tempo todo o seu papel ideológico e político dentro da escola, para propiciar um ensino questionador e conectado com o que acontece a sua volta.

Nesta perspectiva, observa-se que as Artes Visuais de acordo com o PCN, têm caráter mais individualista do que coletivo, por isso Gouvêa (2009) considera que atualmente esta visão precisa mudar para que ela possa contribuir para um caminho mais integrado e holístico. Tendo como foco Gadotti (2005), que destaca os Paradigmas Holonômicos, ainda mal definido por seus criadores, como paradigmas que pretendem ver o ser humano sob um olhar holístico, valorizando a criatividade, a iniciativa, o micro, a singularidade, a complementaridade e a convergência.

Gadotti (2005) destaca que os holistas sustentam que o imaginário, a utopia e a imaginação são fatores instituintes da sociedade, e continua Gadotti (2005), os holistas recusam uma ordem que aniquila o desejo, a paixão, o olhar e a escuta. E Gadotti (2005, p.275) acrescenta:

Para esses novos paradigmas a *história é essencialmente possibilidade* onde o que vale é o imaginário – Gilbert Durand e CORNELIUS CASTORIADIS (1922) -, o sentido do outro – PAULO FREIRE (1921) -, a tolerância – KARL JASPERS (1883-1969)-, a estrutura de acolhida – PAUL RICCEUR (1913) -, o diálogo – MARTIN BUBER (1878-1966)-, a autogestão – CELESTIN FREINET (1896-1966) -, a desordem – EDGAR MORIN -, a paixão – MARILENA

CHAUI (1941) -, a ação comunicativa – JURGEN HABERMAS (1929) -, a radicalidade- AGNES HELLER (1929) -, a empatia – CARL ROGERS (1909-1987)-, a esperança – ERNEST BLOCH (1885-1977) -, a alegria – GEORGES SNYDERS (1916) -, a *unidade do homem* contra as unidimensionalizações – HERBERT MARCUSE (1908-1980).

Gadotti (2005) observa que nem todos esses autores citados acima, se consideram como transmissores deste olhar holonômico, porém se percebem dentro de um caminho comum buscando uma aprendizagem holística, em unidade. Somando-se a isto, o PCN sugere que a aprendizagem aconteça através de projetos, tentando chegar a esta integração e unidade.

Acrescenta Gadotti (2005) que na educação pós-moderna, com a invasão tecnológica, a automação e o excesso de informação que causam a perda da identidade e leva à desintegração, a educação surge com um novo conceito - o multiculturalismo, que vem combater com qualquer tipo de discriminação, eliminando os estereótipos e ampliando a visão de mundo. Portanto é necessário se repensar o processo do ensino da Arte Visual, para que ele possa atender a esta visão holística e multiculturalista.

CAPÍTULO III

ENCONTROS ENTRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ARTE EDUCAÇÃO

“Na perspectiva bachelardiana, o que move a humanidade é a possibilidade de criação de sonhos e, principalmente, de devaneios. Há os devaneios passivos, que acontecem de forma semelhante aos sonhos na perspectiva freudiana, que são reproduções da vida cotidiana; e os devaneios poéticos, ou ativos, que são aqueles que potencializam a vida e acontecem tanto no sono como na vigília, permitindo que a vida seja criada. Esses devaneios são multiplicidades cósmicas, que virtualizam a criação de mundos dignos à sustentabilidade da vida”. (ARAÚJO, 2009, p.21)

Antes de proceder à comparação dos objetivos e conteúdos que os PCNs de Artes e de Educação Ambiental apresentam para os primeiros anos do Ensino Fundamental da Educação Básica, há de se destacar que processo educacional esta união propicia. Em primeiro lugar, destacar que esta educação deve estar voltada para a urgência de se aprender na sustentabilidade, é evidente que o conceito de sustentabilidade está ligado à questão ambiental, mas não pode se reduzir a ela. Segundo Loures (2009, p. 59), “a sustentabilidade é uma temática vinculada à cultura, à sociedade e ao próprio ser humano”.

Em segundo lugar, destacar os princípios da Ecopedagogia buscando-se a visão de uma ética integral como também o desenvolvimento de uma consciência planetária. Em terceiro lugar, observar o ensino aprendizagem, na proposta da “educação pela ação” de Dewey, que se caracteriza como uma Escola Progressista, que se baseia em:

“Uma compreensão de que o saber é constituído por conhecimentos e vivências que se entrelaçam de forma dinâmica, distante da previsibilidade das idéias anteriores. Alunos e professores são detentores de experiências próprias, que são aproveitadas no processo. O professor possui uma visão sintética dos conteúdos, e os alunos, uma visão sincrética, o que torna a experiência um ponto central na

formação do conhecimento, mas do que conteúdos formais. Uma aprendizagem é essencialmente coletiva, assim como é coletiva a produção do conhecimento. De acordo com os ideais da democracia Dewey vê na escola o instrumento ideal para estender a todos os indivíduos os seus benefícios, tendo a educação uma função democratizadora de igualar as oportunidades”. (LOURES, 2009, p.64)

Em quarto lugar, destacar além dos quatro pilares para uma educação para o século XXI, que foram criados pela Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, a pedido da UNESCO, e que os PCNs (1997) os apresenta, que são: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser, incluir o quinto pilar que é Aprender a aprender, que Loures (2009) considera pertinente pela mudança que ocorre a todo o tempo no mundo através da tecnologia e outras inovações, por isso é preciso oportunizar ações educativas que estimulem a criatividade, a iniciativa, a liberdade e a imaginação, propiciando autonomia, discernimento e responsabilidade pessoal e social ao aprendiz.

Em quinto lugar, utilizar também os três marcos de referência para a aprendizagem, segundo os PCNs, o Construtivismo, que destaca a teoria genética de Jean Piaget, a teoria sociointeracionista de Vygostsky, e a teoria da aprendizagem verbal significativa de Ausubel.

Além destes, citar Morin (2009, p. 65) que declara que, “a educação deve contribuir para a autoformação da pessoa (ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver) e ensinar como se tornar cidadão. Um cidadão é definido, em uma democracia, por sua solidariedade e responsabilidade em relação a sua pátria. O que supõe nele o enraizamento de sua identidade nacional”.

3.1– EA e a Arte na Educação segundo os PCNs

Comparando-se os objetivos destes dois saberes para os primeiros anos do Ensino Fundamental, destacam-se alguns pontos em comum como: - conhecer, respeitar, valorizar o meio ambiente, a diversidade natural, étnica e sociocultural; - adquirir uma postura crítica e ativa para garantir um meio ambiente saudável e de boa qualidade de vida; identificar-se parte da natureza

e sentir-se afetivamente ligado a ela; perceber em diversos fenômenos naturais, encadeamentos de relação causa-efeito que condicionam a vida no espaço/tempo; interagir com diversos materiais; observar as relações entre os homens e a realidade com curiosidade e interesse exercitando a discussão, refletindo, argumentando e participando de processos transformadores.

Nos conteúdos apresentados pelos PCNs, que se dividem em três, no “Ciclo da Natureza” há menos integração, somente encontra-se a sugestão de se trabalhar a observação dos elementos que evidenciem ciclos e fluxos da natureza, no espaço e no tempo. Porém nos conteúdos da “Sociedade e Meio Ambiente” acontecem mais encontros, como exemplos: - enfoque sobre a diversidade cultural e diversidade ambiental; as principais características do ambiente e/ou paisagem da região em que se vive; as relações pessoais e culturais dos alunos e de sua comunidade com elementos dessa paisagem.

Já nos conteúdos sugeridos pelos PCNs para “Manejo e Conservação Ambiental”, a integração só acontece no assunto “reaproveitamento de materiais” visando a política pedagógica dos 3R’s ou 4 R’s, que seriam reduzir, reutilizar, reciclar e repensar o consumo, embora em Arte se busque também a criatividade através da utilização dos materiais de sucatas.

Nos aspectos da construção de hábitos, atitudes e valores, os dois saberes têm os mesmos objetivos que são: solidariedade, cooperação, postura crítica e dialógica, atitude de respeito, autonomia, ética, direito de liberdade e expressão. Observa-se também que estes dois, Educação Ambiental e Arte Educação estão desvinculados do modelo tradicionalista nas escolas, porque defendem o processo dialógico e participativo d@s alun@s dentro do processo ensino aprendizagem.

Atualmente através das Redes de Meio Ambiente e afins, ONG’s e espaços escolares, percebe-se um mundo de possibilidades da integração entre a Arte Educação (AE) e à Educação Ambiental (EA), todavia há de se refletir sobre que tipo de arte está se produzindo neste processo ensino aprendizagem, já que algumas vezes percebe-se o emprego da Arte apenas como recurso didático, esquecendo-se do processo mais importante que é o desenvolvimento da criatividade. Portanto, pensando nestes aspectos, se faz

necessário considerar algumas experiências e sugestões para a integração da Educação Ambiental com a Arte Educação.

3.2– Experiências significativas

A Escola para a Vida de Decroly (1871-1932) é uma experiência significativa para este estudo porque ela reconhece que a criança deve ser respeitada como criança e que não é um adulto em miniatura. E por apresentar um conceito novo de que a sala de aula está em toda parte, na cozinha, no jardim, no museu, no campo, na oficina, na fazenda, na loja, na excursão, na viagem e em outros lugares.

Sua escola era organizada em centros de interesse, onde a criança passava por três momentos: o da observação, associação e expressão. As atividades eram simples, por exemplo, comer geraria o estudo da alimentação, a origem dos alimentos, os preços, quem os produz e onde, como são preparados surgindo noções de geografia, ciências, história, higiene, redação, cálculo e desenho. O fazer no dia a dia e o fazer artístico caminham juntos neste processo de aprendizagem.

Outro destaque é a educadora Maria Montessori (1870-1952), primeiro por ser uma pesquisadora da sala de aula e segundo por apresentar uma proposta de escola nova que aproveita o espaço externo natural e integra-o à sala de aula. Onde, na parte externa além de árvores e plantas, há pequenos animais, como patos, galinha e coelhos, entre outros, e na parte interna existem plantas e aquários, que visam promover o respeito e o cuidado pela natureza.

No processo ensino aprendizagem Montessori defende que cada criança tem potencial para conduzir a sua própria aprendizagem, por isso criou um material didático voltado para a vida cotidiana, um material sensorial que envolve os sentidos, destacando-se para este estudo os que trabalham as habilidades táteis, a agilidade, a sensibilidade ao calor e os sentidos térmicos, tecidos com texturas variadas, objetos que trabalhariam a educação auditiva, visual, olfativa, tato e o paladar, além de disponibilizar na sala uma caixa de areia para a criança desenhar livremente, trabalhar a sensibilidade tátil e para o

desenvolvimento da linguagem. A arte encontra-se integrada em todo o processo.

Outra contribuição significativa para esta união é a Pedagogia Waldorf, onde a Arte e a Educação Ambiental estão sempre juntas. Júnior (2007, p.351) cita que, “o caminho estético da Pedagogia Waldorf, a percepção ambiental é a experiência pura potencializada, tonalizada pela riqueza do imaginário”. Neste artigo Júnior (2007) cita várias atividades que demonstram esta união, como por exemplo, ao ensinar a escrever deve-se começar pelo desenho de formas artísticas, buscando na natureza, qual deles pode expressar tanto o fonema quanto o sinal que @s alun@s estão aprendendo, assim a letra B que surgiu a partir da asa da borboleta é trabalhada em outras linguagens artísticas até chegar à própria forma da letra. Neste processo a percepção ambiental da criança é ampliada e expressada por uma vivência estética.

Esta Pedagogia tem como principal objetivo educar por meio da Arte. Por isso todas as atividades têm o elemento artístico como base, estimulando seu amor ao próximo e o respeito à natureza. É considerada uma pedagogia holística porque se observa o físico, anímico e espiritual d@ alun@, como por exemplo, o querer (agir) acontece através da atividade corpórea praticamente em todas as aulas; o sentir através das atividades artísticas em todas as matérias; o pensar é estimulado inicialmente através dos contos, lendas e mitos até o pensamento abstrato científico no ensino médio.

O quarto exemplo é o processo ensino aprendizagem para as aulas de Artes sugerido por Tom Hudson (1974), para a Escolhinha de Artes do Brasil. Para ele as crianças pequenas precisam ter a visão de que a arte e a ciência são inseparáveis, somente em estágios posteriores o conteúdo de ciências e suas implicações podem estar “flutuando” no contexto da arte. Valoriza assim como Montessori, o ambiente da sala de aula com vários recursos a mão, para que as crianças possam manuseá-los mais facilmente, livros, cavaletes e materiais diversos.

Destacando-se alguns tópicos, Hudson (1974) sugere atividades para crianças de até oito anos, que desenvolvam a relação de espaço/tempo e movimento, estimulando a observação, exploração e organização da

observação, através da avaliação da variedade de seres vivos e materiais no meio ambiente (na natureza e produzidas pelo homem). Estimula a espontaneidade para a investigação, para a imaginação, o fazer e o construir, reconhecer símbolos comuns e formas, relações de grandezas, simetria e padrões e a classificação das coisas por critérios dados ou escolhidos.

Busca desenvolver a capacidade de encontrar respostas aos problemas pela investigação e comparação. E defende que “a atitude criadora deverá fluir através de todo trabalho, seja ele baseado lógica ou intuitivamente”, e que “a educação criadora em arte deverá dar a base de segurança emocional e intelectual, assim como uma plataforma para a educação contínua, como uma experiência para a vida.” (Hudson, 1974, p. 39)

Um de seus objetivos é o desenvolvimento da sensibilidade e o cuidado para com os seres vivos e natureza, abaixo segue um processo didático, objetivando a sensibilização, observação, conhecimento e conscientização sobre os efeitos do Sol no dia a dia:

“1 - Um dia de sol: que atividades e idéias podem ser desenvolvidas em relação ao sol e a vida, num dia de sol? O que fazemos num dia de Sol? Em que é diferente dos outros dias? Que é que o Sol faz?

2- Seguindo o Sol: posição em diferentes partes do dia – onde ele está? Seguindo o Sol pela janela, seguindo uma sombra, marcar posições.

3 – Sombras: “eu e minha sombra” – brincar com as possibilidades, que espécies de sombras existem? Mudanças, posições, movimento; marcando, desenhando, pintando; sombras e reflexos.

4- Brincando com as Sombras: dentro de casa (luzes, lanternas); fora de casa; qual a maior sombra que você pode fazer com seu corpo? Qual a menor? Com que se parece sua sombra? Qual a mais longa? Qual a mais curta? Ela se move quando você se move? Você pode se mexer sem que ela se mova? Você pode escondê-la? Você pode pular sobre ela? No papel tente fazer um grupo de sombras, desenhe sombras, desenhe à volta das sombras, corte sombras projetadas em papel, compare o tamanho das silhuetas, desenhe na sombra para marcar o tempo, faça um relógio de sombra usando uma pessoa ou garrafa, faça sombras com objetos diferentes (linhas, formas, transparentes), sombras com as mãos, com fios, como são as sombras? (um círculo torna-se uma linha reta), sombras próximas e sombras afastadas (projetadas na parede e em papel), jogos com sombras, brincadeiras com sombras, recorte figuras e objetos sólidos, use a luz do sol, lâmpada

de mesa, projetor, tela ou parede e sombra das mãos.”
(p.40-41)

Hudson (1974) continua o processo acima citado, acrescenta sob o título O Sol sobre as coisas e lugares, onde leva a criança a perceber a localização do sol, no céu, nas nuvens e o que você pode ver no céu além dele, as nuvens suas formas, mudança, altura, porque as nuvens se movem, o vento – objetos que podem voar, objetos que podem se mover com o vento (birutas, fitas, penas, planadores, barcos à vela e outros), no céu na noite o que se vê – lua, estrelas, elas fazem sombra? E finaliza ampliando com os tópicos Olhando as Coisas, Cores, Materiais de construção, Ouvindo as coisas, Criação de uma Banda, Comparando coisas, Coletando objetos e comparando, Grandezas, Duração do tempo, Coisas na água, Coisas no ar, Cozinhando, Chuva, terra e estruturas construídas.

A disciplina de Artes tem como um de seus objetivos a observação dos ambientes tanto internos quanto externos e seus elementos constituintes. Alguns livros didáticos neste século, já começam a abordar, ainda que muito timidamente, o meio ambiente e seus elementos, tentando sensibilizar e refletir sobre questões ambientais que são apresentadas nas obras dos artistas.

Destacam-se dois exemplos como tentativas positivas para se trabalhar com meio ambiente e artes, um livro didático da autora Briochi (2003) e outro de Lavelberg (2009). Onde já se percebe uma mudança significativa, porque o primeiro só aborda questões sobre o meio ambiente no nono ano, e o segundo já o aborda logo nos anos iniciais do Ensino Fundamental, trazendo este assunto para os primeiros anos de vida do estudante, e apresentando mais possibilidades quanto aos estilos artísticos e ao número de artistas brasileiros.

A autora Briochi (2003), apresenta um capítulo abordando o tema Arte e Meio Ambiente, propiciando ao alun@ uma reflexão sobre as questões ambientais em defesa do mesmo, e apresentando artistas que lidam e se preocupam com o meio ambiente como exemplos, Franz Kracjerg, Christo, Andy Goldsworthy, e Débora Delarucia, porém este livro está direcionado ao nono ano do ensino fundamental.

O livro de Lavelberg (2009) aborda em um de seus conteúdos para o primeiro ano o tema os Bichos, destacando os Bichos de Lygia Clark, A caixa de baratas de Lygia Pape, Bichos empilhados da artista Belga Marcel, Onça e gatos da artista brasileira Leda Catunda, O hipopótamo egípcio, O Urubu do artista brasileiro Gilvan Samico, Bichos e Canções, como ambientes construídos pelo homem como: casa, castelos e labirintos, utilizando-se dos elementos das Artes Visuais e Música.

Finalmente, destacam-se dois autores no saber da Educação Ambiental que apresentam sugestões de atividades ligadas as Artes, com dinâmicas de sensibilização e experiências com Projetos. Um deles é Dias (2006 e 2010) que como exemplo, sugere caminhadas ao redor da escola coletando materiais naturais para a confecção de objetos artísticos além de dinâmicas com expressões corporais e sensibilização.

Outra sugestão é Michael apud Stone (2006), que se destaca por um Projeto que busca a alfabetização ecológica, tentando desviar o foco dos conteúdos para os padrões, e cita Fritjof Capra, “seja pela literatura ou pela poesia, pelas artes visuais, dramáticas ou musicais, dificilmente existe algo mais eficaz do que a arte para desenvolver e aperfeiçoar a capacidade natural da criança de reconhecer e expressar padrões.” (p.142)

Michael (2006), considerada como a co-fundadora e diretora executiva do Projeto ROW (River of Words), explica que a ROW “coloca em prática a educação com base no lugar, convidando as crianças a utilizarem as artes para a exploração e expressão do que elas entendem e relacionam como os seus verdadeiros lugares” (2006, p. 142).

Michael (2006) acrescenta que o ROW possibilita que as crianças interajam com o mundo natural com a totalidade de seus seres, consciente, inconsciente, emocional e cognitivo. O Projeto ROW também oferece material para os professores e escolas porque acreditam que a combinação de ciência e artes tem um caráter pedagógico, consideram que ambas as disciplinas baseiam-se na observação, no reconhecimento de padrões, na solução de problemas, na experimentação e no modo de pensar por analogias. E acrescenta que:

“No início achamos que essa combinação era uma novidade. No entanto, o aprofundamento do estudo mostrou que, na verdade, os textos de história natural do século XIX e início do século XX transbordavam de arte, poesia, canto e até mesmo pitadas de espiritualidade. Nós constatamos que havia nesses antigos textos um amor e um respeito pela natureza e pela beleza que parecia valer a pena imitar, especialmente num mundo normalmente carente dessas qualidades.” (MICHAEL, 2006, p. 147)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para os primeiros anos do Ensino Fundamental percebe-se no ensino formal, a Educação Ambiental e Artes buscando a sensibilização, percepção e educação dos sentidos, percepção do tempo, espaço e movimento, conscientização da importância da natureza e o desenvolvimento do respeito e cuidados a ela. Objetivando a conscientização corporal através da relação entre o meio ambiente, objetos e o outro.

No aspecto social e histórico-cultural, os primeiros anos, estão voltados para o próprio corpo, família/casa, parentes, vizinhos, escola/colegas e amigos, bairro, cidade e região, construindo identidades, hábitos, atitudes e valores, além do conhecimento das expressões culturais e artísticas locais e regionais, e que de acordo com os PCNs, tanto as Artes quanto a Educação Ambiental têm um papel importante neste processo.

Além disto, segundo Machado (2008), estão os objetos, objetos estes socialmente fabricados, que segundo ela mediatizam as relações entre os seres humanos por estarem inseridos no ambiente, portanto alterar o ambiente é alterar espaço e comunidade. Então, deve-se refletir nos exemplos de Decroly, Montessori, a Pedagogia de Waldorf e Hudson que valorizam um ambiente apropriado para o ensino formal e a visão holística do ensino, observando-se uma integração entre as Artes e o Meio ambiente e/ou Ciências.

CAPÍTULO IV

OS PRIMEIROS PASSOS

“É preciso sonhar, mas com a condição de crer em nosso sonho, de observar com atenção a vida real, de confrontar a observação com nosso sonho, de realizar escrupulosamente nossas fantasias. Sonhos acreditem neles”. (LENIN apud FREITAS, 2000, p.217)

Os primeiros passos não pretendem apresentar uma proposta final de como deve acontecer o ensino na integração dos saberes das Artes com a Educação Ambiental, porque neste primeiro momento o espírito é de curiosidade e de pesquisa sobre o que seria possível trabalhar com @s alun@s, tanto jovens e adultos quanto para crianças. Este estudo pretende ser um processo inacabado já que segundo Freire (1996), ensinar exige consciência do inacabamento, do vir a ser, e de se perceber que ensinar não é transmitir conhecimentos, conteúdos, mas um processo dialógico onde se reconhece o outro como um parceiro nesta construção do aprender.

Nesta perspectiva, foi realizado no primeiro momento um questionário com cento e dez alun@s da quarta série, jovens e adultos entre dezessete e vinte anos, do Instituto de Educação Carmela Dutra de Formação de Professores, que já haviam participado do Projeto da Agenda 21 e compartilhado do conhecimento sobre Educação Ambiental nas aulas de Biologia e afins. O questionário realizado tinha como objetivo perceber sobre o que os participantes haviam aprendido em relação à conscientização da importância da coleta seletiva do lixo, na escola e residência, e sua participação neste processo.

No segundo momento, foram realizadas atividades de Arte voltadas para estes alun@s com o objetivo de aprofundar seus conhecimentos sobre as questões ambientais, sensibilização e conscientização de suas responsabilidades para com o meio ambiente.

E posteriormente foi realizado outro questionário com o objetivo de buscar em suas respostas uma avaliação do processo das atividades artísticas,

observações e sugestões para se trabalhar com Educação Ambiental e Artes com as crianças e com jovens e adultos.

4.1 – O Primeiro Questionário para coleta de dados

O primeiro questionário continha nove perguntas, mas para este estudo foram selecionadas apenas cinco perguntas, que serão expostas abaixo.

A pergunta número 4 abordava como era realizado o descarte do lixo tanto em seus prédios como em suas casas, e percebeu-se que a maioria (81%) morava em casas, onde um grupo (40%) colocava o lixo em sacos no chão e outro (41%) que colocava em sacos numa lixeira especial.

Em relação aos alun@s (27%) que moravam em prédios, a pergunta número 5 abordava se no prédio havia coleta seletiva de lixo, e foi observado que 19% não tinham coleta seletiva de lixo e 8 % tinham alguma separação.

As perguntas números 6, 7, 8 estavam relacionadas a aspectos de observação e de participação individual. A pergunta número 6 pedia para que destacassem as três quantidades de lixo mais descartadas em suas residências. Os lixos mais observados em relação à quantidade foram: comida, plástico e pets, e papel.

Na pergunta número 7, era questionado se @ alun@ realizava em sua residência a separação do lixo entre orgânicos e não orgânicos (recicláveis), e porque não realizavam esta separação. Observou-se que 92% responderam que não faziam separação e 15% que sim e 3% não opinaram.

Dos que responderam NÃO, apresentam-se algumas respostas: “Porque não é costume da minha família”, “Porque é mais fácil colocar tudo na mesma sacola”, “porque não tenho interesse e nem tempo”, “porque ninguém faz”, “Porque não tenho espaço na minha casa”, “porque não tem coleta seletiva onde moro”, “Porque não me preocupo com isso”, “Tentei fazer, mas a família não me apoiou, e ninguém separava então eu desisti”, “Porque é minha mãe que joga e ela não separa”, “Eu não separo, mas os funcionários do prédio sim”, “Nós só separamos o papelão porque temos um vizinho que utiliza”, “Porque no prédio não tem coleta seletiva”, “Não sei onde levar para reciclar”,

“Não adianta porque no prédio quando chega ao final vai tudo pro mesmo lugar”.

A pergunta número 8, observava de acordo com a resposta SIM da pergunta número 7, como era feita esta separação. As respostas observadas foram: “Separo a comida das pets”, “Separo a comida, pet e papelão”, “Separo colocando uma lata de lixo em cada cômodo”, “Só separo as pets”, “Separo plásticos, pets e latas do lixo orgânico”, “Separo e levo os materiais para um local que recicla”, “Separo tudo em sacos separados”, “Separo as latas e pets para ajudar as pessoas que catam”, “Separo a pilha dos outros lixos”.

A pergunta número 9, @s alun@s deveriam escrever suas opiniões e sugestões sobre a coleta do lixo na escola, foram apresentadas as seguintes respostas: “Não sei como funciona, desconheço”, “É normal”, “É boa e é feita de forma organizada”, “Tem bastante lixeira, mas não há conscientização para que as pessoas joguem nelas”, “As lixeiras nas salas não são suficientes”, “O lixo é todo misturado, atraindo ratos e baratas”, “É importante a separação, mas a escola não faz”, “Acho que deveria ter lixeiras especiais para separar o lixo orgânico do reciclável”, “Principalmente para aumentar a conscientização e também das crianças do Carmelinha”, “Importante porque as crianças precisam aprender a cuidar do planeta (e a ensinar seus pais)”, “Deveria ser separado para mostrar a preservação do meio ambiente”, “É importante a separação porque podemos fazer trabalhos de Artes”, “Acho que a escola deveria dar o exemplo”, “Sei que tem a coleta de óleo para fazer sabão”, “Poderia ter coleta seletiva porque acabaria influenciando os alunos a fazerem também em casa”.

Neste questionário de coleta de dados preliminar, observou-se que havia uma dicotomia entre a prática e o conhecimento teórico, alguns sabem o que é certo, porém não realizam. Outros expressaram oralmente antes mesmos de escreverem, respondendo que sabiam o que era correto fazer sobre a coleta seletiva, só que segundo eles “não adiantava”.

Observou-se em relação à escola, que alguns não percebem o ambiente escolar em relação às lixeiras e apresentam um não envolvimento quanto ao descarte e separação do lixo em suas residências.

Outro ponto observado nas respostas d@s alun@s foi que, para que haja uma coleta seletiva adequada e significativa, é necessária a conscientização e participação de um conjunto de fatores, como a participação da escola neste processo, desde a direção até os alun@s, objetivando o desenvolvimento de uma postura responsável por parte de todos para a construção de um ambiente saudável, a participação da família, e a coleta seletiva em seus bairros pelos órgãos competentes.

4.2 – As atividades artísticas propostas

A partir do questionário de coleta de dados onde foi identificado que @s alun@s percebiam parcialmente a sua responsabilidade em relação aos cuidados para com o meio ambiente, buscou-se ampliar culturalmente através de atividades artísticas a visão sobre o meio ambiente, observando-se alguns objetivos da ecopedagogia e da Educação Ambiental, como exemplos: propiciar a consciência da sustentabilidade, fundada no sentido; motivar o sentimento de ternura e de cuidado em relação à Terra, nossa morada; promover a vida, levando @ alun@ a compartilhar, a problematizar, a se envolver e a se relacionar com os outros; propiciar o desenvolvimento de uma racionalidade baseada na afetividade, na intuição e na comunicação, ao invés de se priorizar apenas a razão instrumental; e incentivar o desenvolvimento de novas relações e atitudes em que se veja o mundo através da sensibilidade e não apenas da razão.

As atividades propostas foram direcionadas tanto para a educação de jovens e adultos, objetivando @s normalistas, quanto para as crianças dos primeiros anos do ensino fundamental, as quais eles irão ensinar. Os conteúdos foram: confecção de lembranças com materiais de sucatas a partir de datas comemorativas; releitura da pintura “Natureza Morta” de Cézanne, realizando uma analogia com os dias atuais da natureza morta como consequência da ação do homem ou pelo progresso, o alimento e a fome, utilizando-se vídeos da internet sobre a nossa responsabilidade na preservação do meio ambiente e o efeito dominó de nossos atos; criação de histórias atuais sobre os entes folclóricos brasileiros criados para a proteção da natureza,

apresentação através do teatro ou teatro de fantoches com dobraduras, reutilizando papéis usados, atividade grupal pesquisando primeiramente as histórias dos entes folclóricos e percebendo suas relações com a identidade do povo brasileiro, os entes foram: o Saci, representante da cultura indígena, portuguesa e africana; O Curupira ou Caipora, onde sua história pode ser encontrada em várias regiões do Brasil, apresentando características também indígenas e africanas; O Bicho Folharal, representante da vegetação e animais com herança africana e Olú- Faísca e Obá-Feroz, personagens que aparecem em Nova Friburgo com herança africana; as máscaras africanas Gèledes e seu ritual, valorizando o feminino, o sagrado e a representação da Terra mãe, releitura através da confecção de uma máscara com reaproveitamento de jornal expressando nesta máscara a sua religião, crença ou fé, e conhecendo o Folgado Zambiapunga representação brasileira deste ritual. Em algumas turmas acrescentou-se a dinâmica “Nós no círculo da natureza”, objetivando a integração e conhecimento sobre as preferências em relação aos elementos da natureza.

A partir destas atividades foi realizado outro questionário objetivando a avaliação das atividades propostas voltadas para a Educação de Jovens e Adultos, e abrir um espaço para que pudessem sugerir outras atividades para uma seqüência didática voltada para os primeiros anos do Ensino Fundamental.

4.3 – A avaliação

A conclusão e a avaliação foram ampliadas para outros participantes e foi realizada em grupo, totalizando quarenta e quatro grupos entre três a sete componentes. A primeira questão apresentava o pedido da criação de uma Seqüência Didática com as atividades anteriores propostas, incluindo o questionário de coleta de dados sobre a coleta seletiva de lixo, ordenando-as de acordo com a preferência do grupo e que deveriam acrescentar sugestões. E a segunda era direcionada para o público infanto-juvenil.

Esta primeira questão era voltada para o público jovem e adulto, apresentava os conteúdos das atividades propostas anteriormente citadas em

uma ordem conteudista aleatória, e que segundo as respostas d@s alun@s não apresentou uma preferência significativa consensual quanto às escolhas das atividades.

Neste aspecto, destacou-se somente dos quarenta e quatro grupos, três que escolheram a ordem sugerida pela professora, e que a partir deste percebeu-se oito grupos que puderam ser organizados de acordo com alguns critérios: cinco grupos, destes oito, começariam com as atividades da coleta seletiva do lixo, apresentando a questão da reciclagem e em segundo lugar trabalhariam a Natureza Morta de Cézanne, em terceiro lugar realizariam a atividade com os entes folclóricos, a pesquisa da máscara, a confecção da mesma e o trabalho com sucatas e datas comemorativas.

Dentre estes oito grupos, dois se destacaram por iniciarem as atividades com a pesquisa sobre as máscaras Gèledes e a confecção da mesma. Após esta observação tentou-se chegar a um consenso em relação aos outros grupos que sobraram, somente houve unanimidade em relação à primeira atividade, onde nove grupos iniciariam com a atividade da Natureza Morta de Cézanne, oito iniciariam com a coleta seletiva do lixo, seis grupos iniciariam com a criação de histórias sobre os entes folclóricos, seis realizariam primeiramente a pesquisa das máscaras e três iniciariam com atividades com sucatas.

Observou-se com esta atividade que os critérios para a escolha das atividades ou não ficaram claros ou @s alun@s não tinham experiência anterior para realizar as escolhas direcionadas a faixa etária de jovens e adultos, embora fossem jovens e o objetivo também era perceber qual seria a preferência deles, ou ficou demonstrado o caráter heterogêneo e particular da aprendizagem de cada um, ou a definição da ordem não pareceu fazer diferença quanto ao que foi aprendido. Esta questão deverá ser revista através de conversa para maiores esclarecimentos.

Independente deste resultado, para a sugestão de uma seqüência didática para crianças aconteceram diversas sugestões e consensos, percebendo-se claramente que tinham mais experiências com esta faixa etária. Onde 29 grupos escolheram utilizar atividades ligadas a construção de

lembranças com material reaproveitado/reciclado segundo as datas comemorativas do calendário escolar, trabalhando o questionário preliminar na coleta de dados, e as questões dos 3, 4 Rs e a coleta seletiva. Doze grupos sugeriram a montagem de uma peça teatral trabalhando a questão do desmatamento, e/ou representação da natureza, e/ou para o conhecimento dos elementos da natureza.

Onze grupos trabalhariam com os entes folclóricos e seis grupos fariam as máscaras africanas com reaproveitamento de jornais. Aconteceram outras sugestões como, por exemplo: teatro de fantoches com os bonecos confeccionados com sucatas, cartazes, teatro com máscaras de animais tendo como foco a preservação da natureza, teatro a partir de uma história de livro sobre o cuidado com a flor, confecção de papel reciclado e criação de dobraduras, confecção de maquetes com a representação da natureza, criação de brinquedos utilizando sucatas, desenho e recorte/colagem sobre a preservação das matas, coreografia de músicas, exemplo: Planeta água, da Xuxa; desenho com tintas observando o meio ambiente, dobraduras de animais, banda de música com materiais de sucata, criação de bijuterias usando material reaproveitado e criação de músicas sobre o meio ambiente.

Das sugestões apresentadas houve também sugestões de atividades extraclasse como visitas a lugares ao ar livre, Quinta da Boa Vista e Zoológico. Outras sugestões estavam ligadas a atividades de ciências como exemplos, construção de terráreo, cartazes com materiais a serem reciclados ou a construção de um livro sobre o mesmo assunto, construção de latas de lixo com papelão indicando os tipos de lixo para a coleta seletiva.

Nesta mesma perspectiva percebeu-se também, uma preferência pela seqüência didática iniciada por um contexto que valoriza o pensamento concreto – o lixo, e a observação do ambiente; no segundo momento, através de atividades práticas e plásticas, atividades de fixação em relação à questão dos 3, 4 Rs e a coleta seletiva do lixo; no terceiro momento, ampliação do conceito sobre meio ambiente com foco na preservação e cuidados com a natureza e a responsabilidade de cada um, utilizando-se do contexto do imaginário cultural, com preferência para as histórias folclóricas e outras, e com

a finalização dos processos com atividades artísticas coletivas, como o Teatro e Música. E finalmente percebeu-se o emprego das três formas de expressão nas Artes, Artes Visuais, Teatro e a Música, observando-se que as atividades plásticas foram empregadas na expressão da criatividade, na representação do ambiente observado e como suporte para as outras artes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Primeiros Passos representaram a busca por uma prática pedagógica visando a integração das Artes com a Educação Ambiental. A utilização de questionários e avaliações escritas foram recursos encontrados para registrar com maior precisão a opinião dos alunos, por causa da excessiva quantidade de alunos por turma e que dificultava a observação das impressões orais. Todavia, de uma maneira geral, percebeu-se a vontade de participar dos mesmos nas atividades e a relação de transparência das opiniões em relação às atividades propostas.

Independente dos desencontros de sugestões de atividades por alguns grupos, que iniciaram com a atividade de sensibilização mais direcionada para crianças do que para a Educação de Jovens e Adultos, a avaliação foi proveitosa por observar que os alunos conseguiram trazer diversas sugestões para esta união dos saberes e não se basearam apenas ao que a professora ensinou. E alguns grupos realizaram a integração de elementos do conteúdo de Ciências, como o terráreo e outras atividades, construindo uma visão mais holística do processo ensino aprendizagem, considerando os aspectos aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver, aprender a aprender e aprender a ser.

CONCLUSÃO

“Procuro despir-me do que aprendi. Procuo esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram, e raspar a tinta com que me pintaram os sentidos, desencaixotar minhas emoções verdadeiras, desembrulhar-me e ser eu...” (Alberto Caeiro apud FREITAS, 2000, p.67)

Este estudo vem defender que a Arte Educação não deve somente criar n@s alun@s apenas um amor problemático e isolado pelas belas-artes e belas obras. A Arte, de acordo com Forquin (1982) apud Porcher (1982, p.25), “deve criar uma consciência exigente e ativa em relação ao meio ambiente, quer dizer, em relação ao panorama e à qualidade da vida cotidiana desses indivíduos.” Propiciando não tanto aptidões artísticas específicas, mas um desenvolvimento global da personalidade. E acrescenta que:

“O que está fundamentalmente em causa na educação através da arte são os valores do meio ambiente, a qualidade da vida. Por meio ambiente devemos entender a totalidade dos valores sensíveis do panorama da vida - sistema dos objetos naturais e artificiais, conjunto dos estímulos sensoriais, formas, cores, cheiros, sabores, movimentos, ruídos, justaposição e superposição das qualidades percebidas, através das quais o espaço se acha ocupado, ritmado, modulado, diferenciado, determinado como espaço familiar para quem habita.” (p.25-26)

Nesta perspectiva tão pertinente para o momento atual Forquin (1982) apud Porcher (1982, p.27) acrescenta que, “de que serve tornar os indivíduos sensíveis à beleza das obras-primas consideradas imperceptíveis, se não os tornarmos primeiro sensíveis à mortal feiúra desse meio ambiente? De que serve, (...), repintar as catedrais, se formos construir ao lado estradas de alta velocidade? Na realidade, o problema do panorama vital é ao mesmo tempo político e pedagógico”.

Político no sentido de reivindicar a favor do meio ambiente e também pedagógico porque se os indivíduos tivessem tido uma educação mais adequada para a sensibilização em relação ao meio ambiente, desde a infância, segundo Forquin (1982), jamais aceitariam certas coisas como, a destruição dos espaços urbanos, ou a devastação das paisagens naturais, entre outras questões.

É ir além do cognitivo e buscar o afeto, que algumas vezes segundo Michael (2006) apud Stone&Barlow (2006) a Educação Ambiental se esquece, é envolver o coração além da mente. É definir como missão ajudar as crianças a se apaixonarem pelo planeta Terra, que defende esta idéia dizendo: “como as pessoas protegem aquilo que amam, esta é uma receita eficaz de preservação e esperamos que, por fim, também de afinidade.” (2006, p.147)

Porém observou-se neste estudo e pesquisa que há muito que fazer, porque se demonstrou o pouco envolvimento da maioria d@s futur@s profissionais de educação pesquisados em relação à sensibilização, conhecimento e envolvimento em relação às questões ambientais. Portanto há de se repensar na prática pedagógica, e citando Freire (1996), observar que o espaço pedagógico deve ser lido, interpretado, escrito e reescrito, num espaço de solidariedade entre educador e educandos para que se abram possibilidades para uma aprendizagem mais democrática na escola.

Perceber também, que a Educação Ambiental traz a idéia de mudança, como se fosse uma releitura de Freire (1996), de que ninguém pode estar no mundo de forma neutra, num estar acomodado, porque estudar se reflete não apenas em estudar, mas implica em realizar escolhas, decisões e é uma forma de intervenção na realidade. E continua acrescentando que:

“O combate em favor da dignidade da prática docente é tão parte dela mesma quanto dela faz parte o respeito que o professor deve ter à identidade do educando, à sua pessoa, a seu direito de ser. Um dos piores males que o poder público vem fazendo a nós, no Brasil, historicamente, desde que a sociedade brasileira foi criada, é o de fazer muitos de nós correremos o risco de, a custo de tanto descaso pela educação pública, existencialmente cansados, cair no indiferentismo, fatalistamente cínico que leva ao cruzamento de braços, não há o que se fazer, é o discurso acomodante.” (FREIRE, 1996, p.66-67)

No presente estudo observou-se, através da comparação dos PCNs e de outras experiências de ensino aprendizagem, que a Arte Educação e Educação Ambiental podem trabalhar juntas acrescentando ao cenário escolar uma visão mais ampla do meio ambiente e do espaço cultural.

Para Vygotsky apud Gouvea (2005) a formação do indivíduo acontece numa relação dialética entre o sujeito e a sociedade, isto é através da cultura. E, para Maturana e Varela, (2001, p. 11), “pode-se dizer que construímos o mundo e, ao mesmo tempo somos construídos por ele. Como em todo processo entram cena sempre outras pessoas e os demais seres vivos, e tal construção é necessariamente compartilhada.”

Nesta mesma perspectiva acrescenta Morin (2007), que o homem só se realiza pela cultura e na cultura, e é a cultura que mantém a identidade humana, porém este ser humano deve ser visto ao mesmo tempo único, singular e múltiplo. E acrescenta que precisamos “aprender a ser, viver, dividir, a comunicar, a comunicar como humanos do planeta Terra, não mais somente pertencer a uma cultura, mas também ser terrenos”. (MORIN, 2007, p.76)

Portanto a Educação Ambiental vem apresentar a Educação e a Arte Educação, mais uma identidade, a identidade terrena, além das já conhecidas como a identidade familiar, a identidade regional, a identidade étnica, a identidade nacional, a identidade religiosa ou filosófica e a identidade continental.

Além disso, vem propor uma nova consciência que desenvolva em nós as consciências: antropológica, que reconhece a unidade na diversidade; ecológica, a consciência de habitar no planeta Terra reconhecendo nossa união com os outros seres vivos e a biosfera; cívica terrena, de se ter responsabilidade e solidariedade para com todos os filhos da Terra; e a espiritual, que decorre do exercício complexo do pensamento.

E finalmente defender a idéia, de acordo com Morin (2007), de que a educação do futuro deva ter uma consciência de humanidade que conduza à solidariedade e à comiseração recíproca, ou seja, de ensinar a ética da compreensão planetária. E que só será possível, inicialmente, se conhecermos a Lei 9.795/99, que dispõe que “a Educação Ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal”.

Todavia não visar só à observação da lei, mas religados pelo sentimento que nos uni, que segundo Boff (2008, p.100), “é o sentimento que torna pessoas, coisas e situações importantes para nós. Esse sentimento profundo que se chama cuidado. Somente aquilo que passou por uma emoção, que evocou um sentimento profundo e provocou cuidado em nós, deixa marcas indeléveis e permanece definitivamente”.

Portanto fica aqui o desejo e o sonho de que um dia cada ser humano possa olhar o outro como irmão, como parceiros deste caminhar, neste espaço ambiental chamado Terra e morada de todos nós.

BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, Celso. **Professores e professauros: reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas diversas**, Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no Ensino da Arte.** São Paulo: Perspectiva, 1996.

_____ (org.) **Terceiro Simpósio Internacional sobre o Ensino da Arte e sua História**, São Paulo: MAC/USP, 1990.

BARLOW, Zenobia e STONE, Michael K. (org). **Alfabetização ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável**, São Paulo: Cultrix, 2006.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**, Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BRIOSCHI, Garcia. **Arte Hoje**, 9º ano, São Paulo: FTD, 2003.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**, 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

CASTANEDA, Carlos. **A arte do sonhar**, Rio de Janeiro: Record, 1994.

Coletânea de Legislação Ambiental, Constituição Federal, 9ª ed.ver., ampliada e atualizada, São Paulo: Revista dos Tribunais, 2010.

DIAS, Genebaldo Freire. **Atividades Interdisciplinares de educação ambiental: práticas inovadoras de educação ambiental**, São Paulo: Gaia, 2006.

_____. **Dinâmicas e instrumentação para educação ambiental**, São Paulo: Gaia, 2010.

FERREIRA, Aurora. **A criança e a arte: o dia-a-dia na sala de aula**, Rio de Janeiro: Wak, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**, São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREITAS, Nilson Guedes de. **Pedagogia do amor: caminho da libertação na relação professor – aluno**, Rio de Janeiro: Wak, 2000.

GADOTTI, Moacir. **História das idéias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 2005.

GIACOMINI FILHO, Gino. **Meio ambiente & consumismo**, São Paulo: Senac São Paulo, 2008.

GOUVÊA, Eliane do N. **Técnicas Expressivas e materiais da Arteterapia, uma proposta de conhecimento e descobertas para o aluno surdo**, Monografia Lato-Sensu de Arteterapia, Rio de Janeiro: UNICAM, 2005.

_____. **Por uma Educação para a Paz**, Monografia Lato-Sensu do Curso de Psicopedagogia, Rio de Janeiro: UNICAM, 2009.

HUDSON, Tom. **Educação Criadora**, Rio de Janeiro: Escolhinha de Arte do Brasil, 1974.

IABELBERG, Rosa, SAPIENZA, Tarcísio T. e ARSIAN, Luciana M. **Conviver: arte: guia e recursos didáticos para o professor**, 1º ano, São Paulo: Moderna, 2009.

LIMA, Grácia Lopes e MELO, Teresa. **Passo a Passo para a Conferência de Meio Ambiente na escola + educomunicação: mudanças ambientais globais**, Brasília: Ministério da Educação/ Secad, Ministério do Meio Ambiente, Saic, 2008.

LOUREIRO, Carlos F.B, LAYRARGUES, Philippe P. e CASTRO, Ronaldo S. (org). **Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania**, São Paulo: Cortez, 2005.

LOWENFELD, Viktor e BRITAIN, W.L. **Desenvolvimento da capacidade criadora**, São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MACHADO, Carly B. (org). **Educação Ambiental consciente**, Rio de Janeiro: Wak, 2008.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa ; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte**. São Paulo: FTD, 1998.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**, São Paulo: Cortez; Brasília, DF:UNESCO, 2007.

Os diferentes matizes da Educação Ambiental: 1997-2007, Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, 2008. 1 CD, textos.

Parâmetros Curriculares Nacionais: meio ambiente e saúde, Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

Parâmetros Curriculares Nacionais: arte, Brasília: MEC/SEF, 1997.

Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais, Brasília: MEC/SEF, 1998.

Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais, Brasília: MEC/SEF, 1998.

PROCHER, Louis (org.). **Educação Artística: luxo ou necessidade?** São Paulo: Summus, 1982.

Revista Educação na prática, **Conheça a Metodologia Montessoriana**, Coleção Professor Sassá, São Paulo: Minuano, 2010.

ROCHA LOURES, Rodrigo C. da. **Sustentabilidade XXI: Educar e inovar sob uma consciência**, São Paulo: Gente, 2009.

RODRIGUES, Cinthia e MALZONI, Isabel. **Educação Socioambiental**, Revista Nova Escola, edição especial Meio Ambiente, São Paulo: Abril, 2010.

SOUICY, Donald. **Não existe expressão sem conteúdo**, Ensino da Arte e sua História, Ana Mae Barbosa (org), São Paulo: MAC/USP, 1990.

STONE, Michael K e BARLOW, Zenobia (org.). **Alfabetização ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável**, São Paulo: Cultrix, 2006.

VIGOTSKI, Lev. **Psicologia da Arte**, trad. Paulo Bezerra, São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WEBGRAFIA

ARAÚJO, Márcia Santiago. **Sonhos no devir das redes do Centro de Educação Ambiental, Ciências e Matemática**, Rio Grande: UFRG, 2009,

Tese de Doutorado acessada em [//bdtd.furg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=167](http://bdtd.furg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=167), no dia 10/10/2010 às 21h.

DUARTE, Denise A. Schirlo. **O ensino de Língua Portuguesa: perspectivas e constradições**, em www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/a37-4.pdf? PHPSESSID = 2009071511083864, acessado em 10/09/2010 às 13h.

JÚNIOR, Jonas Bach. **A Percepção ambiental na Pedagogia Waldorf pelas reflexões de Bachelard e sua relação com as bases da educação estética e ambiental**, em www.remea.furg.br/edicoes/vol18/art28v18a25.pdf, acessado em 4/10/2010 às 14h.

MAGALHÃES, Hilda G. **O conceito de gestão escolar na ecopedagogia**, Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental - 2006, em WWW.remea.furg.br/edicoes/vol17/art7v17a16.pdf, acessado em 12/9/2010, às 21h.

PETRINI, Hermes Fernando. **Música e Arte na Educação: para a recomposição dos fragmentos da vida**, em www.hermespetrini.com/textos/dissertacao.pdf, acessado em 10/09/2010, às 14h.

ZANIN, Vila P.M. **Arte e Educação Um Encontro Possível**, Revista Científica da Universidade do Oeste Paulista, em www.arteducacao.pro.br/downloads/arte-e-educacao.pdf, acessado em 18/09/2010 às 19:30h.

www.ambiente.rj.gov.br/pages/sup_edu_amb/edu_ambiental_agen_21.html, acessado em 11/09/2010 às 21.30h.

www.charter-human-responsabilities.net/skip.php?article 1444, acessado em 1/10/2010 às 18h.

www.mma.gov.br/conferenciainfantojuvenil/, acessado em 30/09/2010.

www.pedagogiaemfoco.pro.br/per08.htm, acessado em 2/9/2010 às 13h.

<http://sab.org.br/pedag-wal/pedag.htm> , acessado em 10/09/2010 às 13h.

www.scielo.br/pdf/ea/v3n7/v3n7a10.pdf, acessado em 19/09/2010 às 19h.

ANEXOS

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1 - Questionário sobre a Coleta de Lixo;

Anexo 2 – Entes Folclóricos: Curupira e Caipora;

Anexo 3 – Entes Folclóricos: Bicho Folharal;

Anexo 4 – Fotos das atividades;

Anexo 5 - Foto das Máscaras Africanas, releituras.

ANEXO I

PESQUISA SOBRE O TEMA: LIXO E RECICLAGEM – ARTE, Prof.^a ELIANE

NOME _____ N. _____ T.: _____ IDADE: _____

ASSINALE COM O (X) A RESPOSTA ESCOLHIDA:

1. Qual a sua preferência de passeio?
 Ambiente natural aberto – ex: _____
 Ambiente Fechado –ex: _____
2. Você gosta de conviver com animais?
 Não Sim
3. Você gosta de conviver com plantas?
 Não Sim
4. O que você faz com o seu lixo?
 Jogo na lixeira do prédio.
 Coloco fora de casa em sacos no chão.
 Coloco em sacos fora de casa numa lixeira especial.
 Outros – exemplo: _____
5. Seu prédio tem coleta seletiva de lixo? Não Sim
6. Qual a quantidade maior do seu lixo caseiro, ordene 3 escolhas:
 Comida Pet Vidros
 Papéis Plásticos Outros – ex.: _____
7. Você faz separação do lixo em orgânico (alimentos) e recicláveis (papéis, pet, vidros, latas e outros)? Não Sim
8. Justifique a resposta acima e se SIM, responda como é feita essa separação?
R: _____

9. Dê a sua opinião sobre a coleta de lixo na escola:
R: _____

ANEXO 2

O CURUPIRA

Um dos entes mais famosos do nosso Folclore, o Curupira é muito antigo. A mais antiga citação vem de José de Anchieta, em 1560: “É coisa sabida e pela boca de todos corre que há certos demônios e que os brasis chamam de corupira, que acometem aos índios muitas vezes no mato, dão-lhe de açoites, machucam-nos e matam-nos. São testemunhas disto os nossos irmãos, que viram algumas vezes os mortos por eles. Por isso, costumam os índios deixar em certos caminhos, penas de aves, flechas e outras coisas, como espécie de oblação, rogando fervorosamente aos curupiras que não lhe façam mal.”

Do Maranhão para o sul até o Espírito Santo, o seu apelido é Caipora. É o Curupira, porém tendo os pés normais, e que além de proteger as árvores, passou a proteger os animais. Em qualquer direção pelo interior do Brasil, o Caipora-caipora é um pequeno indígena, escuro, ágil, nu ou usando tanga, fumando cachimbo, doido pela cachaça e pelo fumo, reinando sobre todos os animais e fazendo pactos com os caçadores.

No Nordeste - é um duente, fazendo-o como uma indiazinha; do Maranhão para o sul, é um tapuia escuro e rápido; em Pernambuco aparece com um pé só; na Bahia é uma cabocla quase negra ou um negro velho, ou também um negrinho.

A história do Caipora

O Caipora existe mesmo. Conheci um imigrante português, homem honrado e digno de fé, que foi avisado para não caçar às sextas-feiras. Ele riu-se do aviso e foi ao mato procurar tatus: achou um e atirou matando o bicho. Só que ele havia esquecido que era lua cheia. Mais que de repente o Curupira ou Caipora apareceu por entre as sombras das árvores e o transformou num porco do mato. E depois deu vida ao pobre tatu, que voltou correndo para a mata.

Ele me avisou nunca mais volte aqui e proteja a natureza, floresta e animais, entendeu?

Bibliografia: Dicionário do Folclore Brasileiro de Luis da Camara Cascudo

ANEXO 3

O BICHO FOLHARAL, CULTURA AFRICANA PROTETOR DA MATA

A sabedoria cabocla é também representada na pele dos animais da floresta, neles expressando sentidos humanos, inclusive aqueles subjetivos, como amor, ódio, medo, gratidão e vingança. O Bicho-folharal também faz parte do elenco mitológico dos protetores da floresta, mas, essencialmente, simboliza a esperteza cabocla na zoomorfia regional. Os artistas parintinenses não deixam morrer esses protetores e contam suas histórias em prosa, verso e toadas. Recentemente, dois compositores do Boi Garantido, Demétrios Haidos e Geandro Pantoja, alertam em bela toada: – Se a floresta chorar e arpejar um clamor, um herói surgirá, é o seu protetor. É o Bicho-folharal, o gigantesco homem-camaleão, que vem camuflado com a vegetação. Seus braços são galhos de castanheira, tem pernas de sumaumeira e fragrância de pau-rosa. Seus cabelos são folhagem, seus olhos cor-de-esmeralda derramam lágrimas selvagens. É o Bicho-folharal, protetor do nosso ouro verde, criatura enviada pela Mãe do Mato, para salvar a natureza da cobiça dos biopiratas e da ganância dos madeireiros.

Baseados em contos do folclore africano, com versões na Europa e América Latina, os pesquisadores culturais José Vieira Couto de Magalhães e Luís da Câmara Cascudo legaram à literatura brasileira a interpretação tupiniquim da fábula do Bicho-folharal.

Encontrado em: <http://amazonview.uol.com.br/lenda.php?cod=14>

ANEXO 4



Sucatas e Datas



Teatro de Fantoches



Natureza Morta – releitura da obra de Cézanne e criação a partir de vídeos assistidos

ANEXO 5



Releitura das máscaras africanas, tema: Representação da sua religiosidade, crença e fé, uso de jornal.

ÍNDICE

FOLHA DE ROSTO	02
AGRADECIMENTO	03
DEDICATÓRIA	04
RESUMO	05
METODOLOGIA	06
SUMÁRIO	08
INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I - Educação Ambiental	12
1.1– Conceito e definição	12
1.2- Pequeno histórico sobre a Ed. Amb. no Brasil	13
1.3 – Agenda 21, Carta da Terra e Ecopedagogia, III Conferência Nacional	15
1.4 – A Ed. Ambiental vista pelo PCN	17
CAPÍTULO II - Arte na Educação	22
2.1 – Conceito e definição	22
2.2 – Pequeno histórico sobre Arte na Educação do Brasil.	23
2.3 – A Arte na Educação vista pelo PCN	25
CAPÍTULO III – Encontros entre Ed. Ambiental e Arte Educação	31
3.1 – Ed. Ambiental e Arte Educação segundo os PCNs	32
3.2 – Experiências Significativas	34
CAPÍTULO IV- Os primeiros Passos	40
4.1 – O primeiro questionário para coleta de dados	41
4.2 - As atividades artísticas propostas	43
4.3 – A avaliação	44
CONCLUSÃO	48
BIBLIOGRAFIA	52
ANEXOS	58
ÍNDICE	64

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Nome da Instituição:

Título da Monografia:

Autor:

Data da entrega:

Avaliado por:

Conceito:

